



## **Comércio exterior e o crescimento econômico: Uma análise no impacto do desenvolvimento**

### **Foreign trade and economic growth: An analysis of the impact of development**

DOI: 10.56238/isevmjv2n6-012

Recebimento dos originais: 20/11/2023

Aceitação para publicação: 06/12/2023

**Elisângela Cardoso de Almeida**

Fatec Zona Leste

E-mail: elisangela.almeida@fatec.sp.gov.br

**Eduardo Facchini**

Fatec Zona Leste

E-mail: eduardo.facchini@fatec.sp.gov.br

**Priscila Ferreira Columbari**

Fatec Zona Leste

E-mail: priscila.columbari@fatec.sp.gov.br

#### **RESUMO**

O comércio internacional desempenha um papel central nas perspectivas de crescimento econômico dos países. As vantagens do comércio internacional estão relacionadas à especialização na produção de bens e serviços em que um país tem vantagem comparativa, permitindo uma alocação mais eficiente de recursos e o aumento da produtividade. No entanto, o impacto do comércio na economia vai além dos benefícios teóricos. Estudos empíricos têm analisado o impacto das políticas de comércio, como a liberalização comercial, nas economias em desenvolvimento. Muitos desses estudos destacaram a importância das características específicas de cada país, como a elasticidade-renda das importações e o ambiente institucional, na determinação dos efeitos do comércio no crescimento econômico. A teoria keynesiana do comércio internacional também enfatiza a relevância da demanda efetiva e do balanço de pagamentos no crescimento econômico de longo prazo. Ela argumenta que as políticas governamentais de administração da demanda desempenham um papel crucial na promoção do crescimento econômico, ao passo que restrições no balanço de pagamentos podem ser obstáculos significativos. Em resumo, o estudo da relação entre comércio exterior e crescimento econômico é multifacetado e complexo, envolvendo uma análise das teorias econômicas clássicas e contemporâneas, bem como das implicações das políticas de comércio internacional e do ambiente institucional. Este artigo visa contribuir para um entendimento mais profundo dessa interação fundamental para o desenvolvimento econômico.

**Palavras-chave.** Comércio exterior, Crescimento econômico, Modelos tradicionais e contemporâneos, Teoria Keynesiana.

#### **1 INTRODUÇÃO**

O comércio exterior desempenha um papel fundamental no cenário econômico global,

influenciando o crescimento econômico e o desenvolvimento dos países, este tema é de grande relevância e interesse, uma vez que a interconexão das economias nacionais através do comércio internacional tem se intensificado nas últimas décadas, pois o comércio exterior envolve a troca de bens, serviços e capitais entre nações, e sua dinâmica tem consequências profundas nas economias nacionais, na distribuição de renda e no bem-estar da população.

Neste contexto, esta pesquisa se propõe a analisar o impacto do comércio exterior no crescimento econômico, considerando sua influência no desenvolvimento de nações, a escolha deste tema se justifica pela importância do comércio internacional como um dos principais motores do crescimento econômico global, pois com a globalização, as barreiras comerciais têm diminuído, permitindo maior acesso a mercados estrangeiros e uma ampla gama de oportunidades para empresas e países. No entanto, o impacto do comércio exterior no desenvolvimento não é uniforme e pode variar significativamente de acordo com as políticas comerciais adotadas, as características econômicas e a estrutura produtiva de cada nação, portanto, compreender como o comércio exterior afeta o crescimento econômico é essencial para orientar políticas públicas e estratégias empresariais, com base nisso será focado nos conceitos tradicionais, atuais e da tradição Keynesiana.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar o impacto do comércio exterior no crescimento econômico e no desenvolvimento de países dentro da América Latina entre outros países, identificando os principais fatores que influenciam essa relação, com os objetivos específicos em analisar a literatura acadêmica existente sobre o tema, revisando estudos anteriores e identificando lacunas de pesquisa; avaliar as diferentes estratégias de comércio exterior adotadas por países e seus efeitos no crescimento econômico; investigar a influência de políticas comerciais, acordos comerciais e barreiras comerciais no comércio exterior e no crescimento econômico.

Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa utilizará uma metodologia que envolverá uma revisão bibliográfica abrangente com foco em artigos científicos publicados no Scielo Brasil e no Google Acadêmico com base em uma análise quantitativa, no qual este processo permitirá a coleta de informações relevantes sobre as relações entre comércio exterior e crescimento econômico no contexto brasileiro. A problemática que deu origem a este tema é: "Como o comércio exterior influencia o crescimento econômico e o desenvolvimento de países, e quais são os principais fatores que determinam essa relação?" Essa questão é fundamental para entender como as nações podem maximizar os benefícios do comércio internacional e promover um desenvolvimento econômico sustentável e equitativo, pois a pesquisa buscará responder a



essa problemática por meio de análises teóricas e empíricas, contribuindo para o avanço do conhecimento na área de economia internacional e políticas comerciais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A relação entre comércio exterior e crescimento econômico é um tema de grande relevância no campo da economia e tem sido objeto de estudos e debates ao longo das décadas.

A discussão se concentra na análise dos efeitos do comércio internacional sobre o desenvolvimento econômico de um país, desde as teorias econômicas clássicas até as abordagens contemporâneas, o comércio exterior tem desempenhado um papel central nas perspectivas de crescimento econômico, destacaram a importância do comércio internacional como uma fonte de ganhos mútuos, permitindo que os países se especializassem na produção de bens em que tinham vantagens comparativas e trocassem esses bens no mercado global. (VÁZQUEZ, 2015).

De acordo com Curado (2001), as discussões sobre comércio e crescimento não se limitam apenas aos benefícios potenciais do comércio internacional, pois os modelos mais recentes, como o modelo de crescimento endógeno, enfatizam a importância das políticas de comércio e da capacidade de inovação de um país no estímulo ao crescimento econômico sustentado, além do mais, o impacto das políticas de comércio internacional nas economias em desenvolvimento tem sido objeto de intensa pesquisa, muitos estudos analisaram os efeitos das políticas de liberalização comercial e as implicações para o crescimento econômico em países em desenvolvimento, considerando fatores como a elasticidade-renda das importações, o ambiente institucional e as características específicas de cada economia.

Segundo Oreiro (2015), a teoria keynesiana do comércio internacional também desempenha um papel importante nesse contexto, destacando a importância da demanda efetiva e do balanço de pagamentos na determinação do crescimento econômico de longo prazo, no qual é um campo dinâmico que continua a evoluir à medida que novos estudos e abordagens são desenvolvidos para entender melhor essa complexa interação.

### 2.1 COMÉRCIO GLOBAL E CRESCIMENTO ECONÔMICO: EXAMINANDO MODELOS ANTIGOS E NOVAS ABORDAGENS

Em qualquer análise relacionando ao comércio global, a teoria das vantagens comparativas é invariavelmente a primeira a ser abordada. Conforme esse modelo, a atividade comercial possibilita a utilização mais eficaz dos recursos econômicos, uma vez que viabiliza a aquisição de mercadorias e serviços do exterior que, de outra forma, só poderiam ser fabricados

internamente a um custo mais elevado. A participação no comércio internacional possibilita às nações em desenvolvimento importar produtos de capital e intermediários (que desempenham um papel crucial no crescimento de longo prazo) a preços mais vantajosos do que os equivalentes produzidos nacionalmente. (VÁZQUEZ, 2015).

De acordo com Curado (2001), um exemplo convencional de benefícios do comércio se fundamenta na teoria das vantagens comparativas. Em um contexto estático, quando um país decide abrir sua economia, ele obtém ganhos líquidos em termos de qualidade de vida. Como amplamente reconhecido, o modelo ricardiano justifica esses ganhos de bem-estar quando um país opta por se especializar na fabricação de produtos nos quais possui uma vantagem comparativa, iniciando pelo modelo ricardiano se concentra em dois países e duas commodities, simplificando todos os elementos de produção para um único fator: o trabalho. Além disso, presume que a produção de cada commodity seja determinada por coeficientes técnicos fixos. Sob essas premissas, a tecnologia desempenha um papel fundamental na explicação do padrão de comércio internacional.

Considerando que não há custos de transporte, o modelo estabelece como condição para a existência do comércio internacional a existência de diferenças nos custos de oportunidade entre a produção das duas commodities nos dois países.

Assim reforça a análise de Curado (2001):

“Mesmo que um país seja mais eficiente na produção de ambas as commodities, a especialização seguida pelo comércio é preferível à autossuficiência na produção. Quando as condições para o comércio são atendidas, e cada país se especializa na produção da commodity em que possui o menor custo de oportunidade, ao participar do comércio internacional, o bem-estar de ambas as economias, bem como da economia global, aumenta.” (CURADO, 2001).

Todavia Nassif (2007), aborda que o modelo fundamental de Heckscher-Ohlin (H-O) atribui a diferença nas endowments de fatores como a principal razão por trás do comércio. Em particular, de acordo com o teorema de H-O, em um cenário de dois países, cada nação exporta a mercadoria que faz uso mais intensivo do fator de produção que é mais abundante internamente. No entanto, a validade do modelo H-O é sustentada por algumas premissas fundamentais e altamente restritivas, o que em parte explica a sua limitada capacidade de verificação empírica em sua versão estática. A primeira suposição pressupõe que as funções de produção exibem produtividade positiva, mas com declínio, e retornos constantes de escala. Além disso, ambas as commodities devem possuir funções de produção distintas para que sejam consideradas commodities diferentes. Essa primeira hipótese é essencial para a argumentação



neoclássica. A segunda suposição considera que a estrutura da demanda é igual nos dois países. Isso significa que, dado um preço relativo qualquer, a proporção em que os dois bens são consumidos não depende do nível de renda (um exemplo disso é uma função de utilidade homotética). Por fim, a terceira hipótese descarta a possibilidade de variações na intensidade do uso dos fatores.

Entretanto conforme o teorema de Stolper-Samuelson é uma extensão do modelo H-O, que é o modelo de Heckscher-Ohlin-Samuelson (H-O-S). Este último modelo investiga os impactos do comércio internacional no emprego e na distribuição de renda. Conforme este modelo, o comércio internacional leva a um equilíbrio Pareto eficiente com maior bem-estar por meio da realocação de recursos entre diferentes setores da economia. Alterações nos preços relativos criam disparidades na remuneração de fatores entre os setores, incentivando o movimento dos fatores de produção até que tais disparidades sejam eliminadas. Suponhamos que em um país, o setor que importa é intensivo em capital, enquanto o setor de exportação é intensivo em mão de obra. (BIELSCHOWSKY, 2009).

Segundo Bonelli (2018), caso o país passar de uma estratégia de substituição de importações para uma orientada para exportações, isso reduzirá os preços relativos dos bens importados no mercado interno. Como resultado, se a economia já estiver operando no limite de sua capacidade de produção, a produção do setor exportador aumentará, ao mesmo tempo em que a produção do setor importador diminuirá.

Dado que o setor de exportação requer menos capital do que o setor importador, a mudança na composição da produção aumentará a demanda total por trabalho e reduzirá a demanda por capital, no qual isso resultará em um novo equilíbrio, no qual os salários reais aumentam, enquanto a rentabilidade do capital diminui, promovendo assim uma redistribuição da renda após a abertura comercial. Portanto, de acordo com o modelo H-O-S, a liberalização do comércio é uma política importante para os países em desenvolvimento, pois pode simultaneamente aumentar sua taxa de crescimento econômico e os salários reais. (TERRA, 2015).

Segundo Lamonica (2012), outro modelo neoclássico relevante que aborda a conexão entre comércio e crescimento é o modelo de Bagwhati, no qual o nível de bem-estar de uma nação diminui como resultado de um processo de crescimento econômico impulsionado pelo progresso tecnológico. Esse resultado surge devido à piora nos termos de troca que ocorre durante o processo de crescimento. A ideia central desse modelo é que o bem-estar diminui após a absorção do progresso tecnológico. Esse efeito resulta da deterioração dos termos de troca em

uma magnitude suficiente para anular os impactos positivos do crescimento no bem-estar a preços relativos constantes. Em outras palavras, a mudança nos termos de troca afeta o consumo de maneira que contribui para uma redução no bem-estar global. Em resumo, isso implica que, na presença de distorções, a abertura comercial pode ter efeitos empobrecedores e, conseqüentemente, diminuir o bem-estar da economia.

Em resumo das teorias convencionais de comércio internacional sustenta que, na ausência de distorções ou falhas de mercado, o comércio internacional leva a uma condição de maior bem-estar em comparação com um estado de autossuficiência. Portanto, as diretrizes de políticas frequentemente recomendam que a abertura ao comércio seja a melhor alternativa, pois políticas de liberalização comercial e de fluxo de capitais têm o potencial de melhorar o bem-estar em um modelo estático de eficiência ou impulsionar o crescimento econômico em um modelo dinâmico.

Assim a perspectiva de Lamonica (2012), reforça que:

“As limitações e as premissas restritivas da maioria desses modelos, como o modelo H-O-S, resultaram em sua validação empírica limitada. Na verdade, mesmo os economistas mainstream destacaram a fragilidade desses modelos, liderados pela Nova Teoria do Comércio Internacional, que enfatiza a natureza de funções mal comportadas, fundamentadas na tradição H-O-S. No entanto, as tradições estruturalista e pós-keynesiana operam a partir de premissas distintas, que serão abordadas na terceira seção deste artigo. Neste ponto, é crucial ressaltar que uma análise mais abrangente da relação entre comércio e crescimento deve considerar aspectos institucionais e os potenciais efeitos dos fatores que estimulam a demanda, bem como as restrições de balanço de pagamentos que podem estar associadas aos processos de abertura econômica.” (LAMONICA, 2012, p.25).

Para Nassif e Feijó (2010), em resposta às críticas daqueles que questionam a eficácia das políticas comerciais liberais na promoção do desenvolvimento econômico, argumentaram que a teoria convencional do comércio internacional continua a ser a melhor ferramenta disponível para compreender a relação entre comércio e crescimento, mesmo nos dias de hoje. Eles defendem que a abertura ao comércio e a livre circulação de fatores de produção e tecnologia têm o potencial de contribuir para o crescimento econômico. Argumentam que é incorreto criticar a relação entre comércio e crescimento conforme proposta pela teoria tradicional, destacando que essa teoria abrange a possibilidade teórica de que, na presença de falhas de mercado, a abertura comercial possa levar a um menor bem-estar e um crescimento reduzido.

Portanto, de acordo com a teoria tradicional, a abertura ao comércio permite que os países aproveitem suas vantagens comparativas, melhorando assim a eficiência na alocação de seus recursos domésticos. Além disso, na perspectiva dos autores mencionados, os benefícios



da tecnologia do conhecimento e da inovação podem ser aplicados em qualquer lugar.

De acordo com Nonnenberg e Nassif (2010), introduzem um modelo de comércio e crescimento dinâmico, envolvendo dois países e considerando o progresso técnico como um fator endógeno. Segundo esses autores, uma compreensão abrangente do crescimento econômico deve incorporar a acumulação de conhecimento como um elemento crucial. Este modelo destaca a importância das economias de escala e do progresso técnico no processo de crescimento, em sua essência, é um modelo que envolve dois países, nos quais cada um se dedica a três tipos de atividades produtivas: a fabricação de um produto final, a produção de uma variedade de produtos intermediários diferenciados e, por fim, a pesquisa e desenvolvimento (P&D).

Sendo assim o modelo desenvolvido por Nonnenberg e Nassif (2010), gera uma taxa de crescimento de longo prazo que é intrinsecamente ligada ao comércio, mediada pela disseminação de tecnologia e conhecimento. Seus resultados destacam algumas características fundamentais da relação entre comércio e crescimento, pois primeiramente, eles evidenciam que uma demanda relativamente mais forte por produtos finais de um país que possui vantagem comparativa em pesquisa e desenvolvimento (P&D) reduz a sua participação de longo prazo na produção de produtos intermediários e desacelera o crescimento econômico global de longo prazo, no entanto, na ausência de vantagens comparativas em P&D, o crescimento de longo prazo permanece independente da demanda relativa por produtos finais. Em segundo lugar, é importante destacar que uma tarifa de importação reduzida ou um subsídio à exportação aplicado a produtos finais tende a diminuir, em um cenário de crescimento equilibrado, a participação do país na produção de produtos intermediários e pesquisa e desenvolvimento (P&D). Além disso, a taxa de crescimento econômico de longo prazo em escala global só aumentará se o país que implementa essa política tiver uma desvantagem comparativa na área de P&D. Por outro lado, um pequeno subsídio em P&D em ambos os países, aplicado a uma mesma taxa, resulta em um aumento na taxa de crescimento de longo prazo da economia mundial. (NONNENBERG E NASSIF, 2010)

Em terceiro lugar, a concessão de subsídios para P&D em um país específico contribui para o crescimento de longo prazo, desde que a divisão dos gastos entre os dois tipos de bens permaneça constante e que a política seja adotada pelo país que possui vantagem comparativa em P&D. Caso contrário, a taxa de crescimento de longo prazo pode tanto aumentar quanto diminuir. Outra proposição importante do modelo destaca que tarifas de importação podem levar a resultados ambíguos em relação ao crescimento econômico, dependendo do nível dos

coeficientes de comportamento incorporados no modelo. A crítica fundamental direcionada aos modelos relacionados ao crescimento endógeno gira em torno de sua aderência a uma abordagem uniforme para analisar o crescimento econômico.

Em outras palavras, esses modelos presumem que a Lei de Say é válida e que os indivíduos agem de acordo com a maximização individual, onde cada agente é capaz de otimizar sua satisfação ao longo do tempo. Nos modelos de crescimento endógeno, os principais impulsionadores do crescimento são a poupança e as ideias (ou tecnologia), em contraste com os modelos baseados na demanda (que se concentram na demanda) e os modelos macroeconômicos que levam em consideração fatores como instituições, demanda e suas restrições. (NONNENBERG E NASSIF, 2010)

Como destacado por Haddad e Martins (2012), o investimento desempenha o papel central no estímulo ao crescimento. Nesse contexto, o investimento é geralmente uma variável relacionada à demanda, e é por isso que os modelos neoclássicos, tanto os tradicionais quanto os mais recentes, tendem a subestimar a relevância da demanda agregada no crescimento das economias capitalistas.

Além disso, Holland (2012) ressaltam que:

“os novos modelos de crescimento tendem a ser modelos isolados, e mesmo aqueles que incorporam aspectos de comércio, como o modelo de Grosman e Helpman (1990), tendem a se concentrar apenas na relação entre comércio e crescimento, negligenciando as restrições impostas pelos balanços de pagamentos. Não se pode ignorar a importância das instituições no contexto do crescimento econômico, uma vez que o nível de investimento está intimamente ligado ao ambiente institucional de cada país.” (HOLLAND, 2012, p. 30).

Em suma, o texto destaca uma lacuna nos novos modelos de crescimento, que muitas vezes se concentram apenas na relação entre comércio e crescimento, sem levar em consideração as restrições impostas pelos balanços de pagamentos, além disso, ressalta a importância das instituições no contexto do crescimento econômico, enfatizando que o ambiente institucional de cada país desempenha um papel fundamental na determinação do nível de investimento, portanto, a conclusão principal é que os modelos de crescimento precisam ser mais abrangentes, incorporando tanto as dimensões do comércio internacional quanto as institucionais para fornecer uma compreensão mais completa dos determinantes do crescimento econômico.

## 2.2 O ESTUDO EMPÍRICO DOS EFEITOS DA POLÍTICA DE COMÉRCIO INTERNACIONAL NO CRESCIMENTO

Todavia Rodrik (1997), entende que a pesquisa empírica sobre política comercial e

crescimento é uma parte importante da discussão sobre o desenvolvimento econômico, uma vez que a política comercial é frequentemente usada como uma medida para representar a participação do comércio no Produto Interno Bruto (PIB) de cada país, pois o avanço do processo de integração comercial motivou diversos estudos que procuraram identificar os efeitos positivos da liberalização comercial no crescimento econômico. No entanto, apesar do uso de múltiplos modelos, esses estudos não conseguiram chegar a conclusões consistentes. Pelo contrário, a experiência de alguns países em desenvolvimento que enfrentaram desequilíbrios macroeconômicos após a crise da dívida demonstra que a abertura comercial pode, em alguns casos, desencadear desequilíbrios macroeconômicos, incluindo a supervalorização da taxa de câmbio e déficits na balança de pagamentos.

O estudo realizado por Irwin (1990), é um dos estudos mais amplamente mencionados e debatidos na discussão sobre os benefícios da liberalização comercial, pois eles desenvolveram um indicador de abertura e, em seguida, aplicaram um modelo para avaliar se a liberalização comercial e a implementação de reformas resultam em um melhor desempenho econômico.

Neste estudo, um país é considerado como tendo uma economia fechada se apresentar pelo menos uma das três seguintes características: 1) barreiras não tarifárias que afetam 40% ou mais do comércio; 2) uma média de tarifas de 40% ou mais; 3) um prêmio de 20% ou mais no mercado paralelo de câmbio; 4) um sistema econômico socialista; ou 5) um monopólio estatal na maioria das exportações. Por outro lado, uma economia é considerada aberta se nenhuma das condições anteriores se aplicar a ela. Com base nesse critério, os autores encontraram resultados que sugerem que o crescimento econômico é mais robusto em economias abertas em comparação com as fechadas, além disso, concluíram que as economias abertas tendem a se aproximar de um crescimento equilibrado de forma mais rápida do que as economias fechadas. No entanto, Rodrik (1997) argumenta que os resultados de Irwin (1990) são substancialmente influenciados por fatores além da abertura comercial, sugerindo assim um viés significativo no estudo.

Edwards (1993), analisou a relação entre política comercial e o desempenho econômico, com foco na evolução da produtividade nos países da América Latina. Partindo da premissa de que os programas de liberalização comercial nesses países visavam reduzir as tendências “antiprodução”, para exportação nas políticas comerciais e transformar o comércio internacional em um motor de crescimento, o autor conduziu uma análise de regressão abrangendo 54 países, pois seu objetivo era investigar como as distorções comerciais afetaram o crescimento da produtividade durante o período de 1971 a 1982, sendo que as conclusões de Edwards fortalecem a visão de que a abertura comercial promove o crescimento econômico.

Portanto o Edwards (1993), alega que:

“O modelo neoclássico convencional, a sua função de produção agregada é representada por  $y_t = A_f (K_t, L_t)$ , e o crescimento da Produtividade Total dos Fatores (PTF) é capturado por  $A/A$ . Edwards considera que existem duas fontes de crescimento da PTF, ou seja, inovação doméstica e imitação de tecnologias estrangeiras, pois enfatiza que economias mais abertas, especialmente nos países em desenvolvimento, têm a oportunidade de adotar inovações tecnológicas internacionais ao abrir suas economias para o comércio global.” (EDWARDS, 1993).

Além disso, Edwards (1993), escolheu um conjunto de variáveis que inclui o crescimento da Produtividade Total dos Fatores (PTF), que ele derivou dos resíduos das regressões de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) dos países em análise, pois também considerou as distorções comerciais, um termo relacionado ao atraso tecnológico (catch-up term), o nível de capital humano, o papel desempenhado pelo governo, a estabilidade política e a taxa de inflação. Embora seu estudo tenha apresentado resultados satisfatórios no que diz respeito à relação entre comércio e crescimento econômico, deixou algumas questões pendentes, como a velocidade das reformas ou as implicações dos desequilíbrios macroeconômicos que podem surgir devido à valorização da taxa de câmbio

Melitz (2003), conduziu uma análise utilizando dados de painel, que consistem em séries temporais de vários países, abrangendo um período de 17 observações anuais e dez países latino-americanos, no qual suas conclusões destacaram que o crescimento econômico subsequente às reformas foi decepcionante, pois ao empregar vários indicadores de desempenho como a relação entre investimento e Produto Interno Bruto (PIB), exportações reais, taxa de câmbio real, índices de preços ao consumidor e equilíbrio das finanças públicas, ele não conseguiu demonstrar que as variáveis relacionadas à liberalização comercial resultaram em um melhor desempenho econômico, porém esses resultados contradizem as descobertas de Edwards (1993), que indicam que a América Latina experimentou um desempenho positivo em termos de crescimento econômico após as reformas econômicas.

Segundo Rodrik (1997), ressalta que, embora alguns estudos tenham identificado uma conexão consistente entre comércio internacional e crescimento econômico, outros não conseguiram alcançar resultados semelhantes, na verdade, esses autores destacaram a fraca robustez estatística de certas pesquisas, como as realizadas por Sachs e Warner (1995). Essa falta de robustez pode ser atribuída à fragilidade das bases de dados utilizadas, à necessidade de abordar questões endógenas associadas à relação entre políticas comerciais e crescimento, e, por fim, à importância de considerar o papel independente desempenhado pelas políticas cambiais e comerciais.

Alguns estudos têm apontado que os ganhos resultantes da abertura econômica em termos de crescimento estável são relativamente modestos, o que levanta algumas questões complexas. Enquanto as análises comparativas internacionais, que utilizam regressões de cross-section ou dados de painel, têm tido dificuldade em estabelecer relações precisas entre a abertura comercial e o crescimento econômico, estudos de caso individuais em nível nacional parecem oferecer resultados mais elucidativos, pois isso ocorre porque esses estudos incorporam características específicas de cada país, como variáveis institucionais ou históricas. Por exemplo, países com estratégias de desenvolvimento semelhantes, como o México, Argentina e Brasil, diferem substancialmente de nações asiáticas ou desenvolvidas, como resultado, a abertura de suas economias produz resultados diversos devido às particularidades de suas variáveis institucionais e características econômicas, ou seja, nessas circunstâncias, as generalizações aplicadas em análises de cross-section ou dados de painel para um grande número de países, tanto em desenvolvimento quanto desenvolvidos, podem obscurecer diferenças importantes, mesmo entre países com padrões de desenvolvimento e instituições semelhantes, é desafiador fazer generalizações, embora existam algumas tendências comuns bem estabelecidas (TAYLOR, 1991).

De fato, como enfatizado por Frenkel (1998):

"As reformas financeiras na América Latina não foram ações políticas independentes, mas, em geral, foram implementadas como parte integrante do conjunto de reformas estruturais do Consenso de Washington, em conjunto com programas macroeconômicos de estabilização significativos." (FRENKEL, 1998, p.1).

Além disso, qualquer estudo que busque analisar a relação entre crescimento econômico e comércio deve levar em consideração não apenas as medidas políticas do Consenso de Washington, mas também a estrutura institucional e o contexto histórico específico de cada país.

Conforme destacado por Subramanian e Wei (2007), desvendar os impactos do comércio em países em desenvolvimento é uma tarefa complexa. De fato, a maioria dos programas de liberalização comercial foi acompanhada por pacotes de políticas macroeconômicas para estabilização e também envolveu a liberalização financeira para permitir a entrada de investimentos estrangeiros. Nesse cenário, argumentam que é categórico analisar e questionar o que as teorias propõem sobre os fatores determinantes e as consequências dos fluxos de comércio, começando em um nível microeconômico e, em seguida, expandindo essa análise para um nível, macroeconômico. Sendo assim a liberalização comercial foi acompanhada por pacotes de políticas macroeconômicas para estabilização e também envolveu a liberalização financeira para permitir a entrada de investimentos estrangeiros. Nesse cenário, argumentam que é categórico analisar e

questionar o que as teorias propõem sobre os fatores determinantes e as consequências dos fluxos de comércio, começando em um nível microeconômico e, em seguida, expandindo essa análise para um nível macroeconômico. Portanto, embora alguns estudos tenham identificado uma conexão entre a abertura econômica e o crescimento, muitos outros a refutaram, diante disso, é evidente que a abertura não garante, de forma alguma, o crescimento econômico sustentado a longo prazo. Pelo contrário, a experiência vivida na América Latina sugere que a abertura econômica pode resultar em maior vulnerabilidade externa e em taxas mais baixas de crescimento econômico, talvez a única relação consistente encontrada nos estudos sobre a liberalização comercial seja a forte correlação existente entre a abertura e o aumento da desigualdade de renda.

Enfatiza-se que Rodrik (1997), alega que em países como a Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan, que são frequentemente apontados como exemplos de estratégias bem-sucedidas de crescimento econômico voltadas para o exterior, a acumulação de capital físico desempenhou um papel central no impulsionamento do crescimento econômico, além disso, a criação de um sistema financeiro robusto, apoiado pelo governo, desempenhou um papel decisivo na promoção de um crescimento econômico sustentado a longo prazo, pois essas observações também se aplicam à estratégia de Industrialização por Substituição de Importações (ISI), que precedeu a abordagem orientada para o exterior no desenvolvimento desses países.

Esses exemplos demonstram que estratégias de investimento bem definidas, juntamente com outros fatores como estabilidade macroeconômica e equilíbrio nas relações externas, desempenharam um papel fundamental na promoção do crescimento econômico sustentável. Por outro lado, a história de países como Argentina, Brasil, México e Chile destaca claramente que um dos principais obstáculos para alcançar um crescimento econômico estável a longo prazo é o desequilíbrio nas transações internacionais, tanto na conta corrente quanto na conta de capital do balanço de pagamentos.

Na análise das transações correntes, o déficit crônico no balanço de serviços tem o potencial de minar a estabilidade do crescimento econômico, quanto à conta de capital, a preocupação se concentra nos fluxos voláteis de capital especulativo de curto prazo, bem como no comportamento e na estrutura da dívida externa de longo prazo, em relação ao balanço de pagamentos como um todo, a instabilidade das reservas internacionais emerge como outro ponto de preocupação, portanto, é evidente que o comércio e o crescimento econômico estão intimamente ligados aos desafios representados pelos constrangimentos do balanço de pagamentos, onde as variáveis relacionadas à demanda nas contas correntes desempenham um papel crucial e diante dessas características e restrições, a abertura dos mercados comerciais e

financeiros não necessariamente conduz ao aumento do crescimento econômico.

Melitz (2003), elaborou outros modelos foram desenvolvidos com o intuito de determinar a relação de causa e efeito entre o comércio internacional e o crescimento econômico, fazendo uso de variáveis instrumentais no qual considera as características geográficas dos países como fatores que exercem influência significativa sobre o comércio internacional, enquanto permanecem independentes da renda. Conforme destacado por esses autores, uma das principais dificuldades na análise empírica da relação entre comércio e o crescimento reside no fato de que a participação de um país no comércio internacional pode ser determinada de maneira endógena, pois é uma abordagem que pode contornar esse problema é utilizar a política comercial como um indicador dessa participação.

No entanto, como ressalta Rodrik (1997), essa abordagem parece vulnerável, uma vez que a maioria das variáveis usadas no modelo em questão está correlacionada tanto com a política macroeconômica quanto com outras variáveis, pois o objetivo do estudo de Frankel e Romer (1999), pode apresentar uma alternativa para lidar com a questão do comércio, buscando medir seus efeitos sobre o crescimento econômico sem os desafios mencionados anteriormente, ou seja, nesse sentido, os autores utilizam as características geográficas como variáveis instrumentais para estimar o impacto do comércio na renda e no crescimento, tomando como indicador de comércio internacional a participação do fluxo total de comércio (soma do valor das exportações e importações) no Produto Interno Bruto (PIB).

No estudo realizado por Melitz (2003), foram utilizadas variáveis instrumentais, incluindo comércio internacional, comércio doméstico e renda como variáveis dependentes, no que diz respeito ao comércio internacional, este foi modelado com base na proximidade geográfica entre um país e os demais, pois a escolha dessas variáveis instrumentais teve como objetivo evitar possíveis efeitos endógenos que outras variáveis indicativas poderiam ter sobre a renda, sendo assim, em termos intuitivos, países de menor tamanho podem ter uma participação mais robusta no comércio internacional simplesmente devido às limitadas oportunidades de expandir o comércio interno, portanto, os autores consideraram tanto o comércio internacional quanto o tamanho dos países como fatores relevantes em sua análise.

Os resultados fundamentais do modelo desenvolvido por Frankel e Romer indicam uma relação economicamente relevante entre o comércio e a renda, considerando que o volume de comércio de um país não é determinado por fatores externos, e para abordar essa questão, o estudo se concentra no componente do comércio que pode ser explicado por fatores geográficos, como de alguns países que têm um comércio mais intenso devido à sua proximidade com nações densamente

povoadas, enquanto outros têm um comércio menos ativo devido ao seu isolamento geográfico. É importante ressaltar que os fatores geográficos não são influenciados pela renda ou pelas políticas governamentais, e não há uma ligação direta entre esses fatores e as interações entre os residentes de diferentes países, portanto, as variações no comércio explicadas pelas variáveis geográficas servem como uma espécie de experimento natural para identificar os efeitos do comércio, além do mais, os resultados da pesquisa também indicam que o comércio interno dentro de um país contribui para o aumento da renda.

Mais uma vez, podemos observar que tanto a abertura comercial quanto a liberalização da conta de capital, sejam através de políticas comerciais ou regulamentações para a movimentação de capitais, parecem apoiar os modelos de comércio e crescimento que se concentram no lado da oferta da economia, pois nesse contexto, a política comercial deve ser vista como um meio para promover maior abertura econômica, em contraste com políticas intervencionistas de comércio, como as associadas às estratégias de substituição de importações, no qual a ideia central aqui é a crença de que, apesar de algumas distorções, uma maior integração internacional está ligada a um maior crescimento econômico. A próxima seção abordará uma perspectiva teórica diferente, construída com base em uma abordagem distinta, onde os investimentos são considerados as principais fontes de crescimento.

### 2.3 TEORIA KEYNESIANA DO COMÉRCIO INTERNACIONAL E SEU IMPACTO NO CRESCIMENTO ECONÔMICO

As tradições estruturalista e pós-keynesiana abordam a relação entre comércio e crescimento ao considerar o conceito de crescimento liderado pelas exportações, estratégias de substituição de importações e desafios relacionados ao balanço de pagamentos. Na tradição pós-keynesiana, influenciada por figuras como Harrod, Domar e Kaldor, destaca-se a relevância dos multiplicadores de investimento e da contribuição externa para a demanda agregada como fatores determinantes do crescimento econômico de longo prazo, enquanto isso, os estruturalistas, também guiados pela perspectiva da demanda, enfatizam a importância dos déficits na conta corrente e das questões financeiras relacionadas à conta de capital. (OREIRO, 2015).

Conforme Davidson (2007), aborda sobre a importância dos desequilíbrios externos e da poupança na restrição do crescimento econômico de longo prazo, pois posteriormente, modelos mais complexos de três desequilíbrios foram desenvolvidos, como os descritos por Oreiro (2015).

De acordo com Oreiro (2015), foi elaborado um modelo simplificado de natureza estruturalista que explora a relação entre comércio e crescimento:



“O modelo simplificado estruturalista se baseia no contexto do modelo de dois desequilíbrios, tanto o desequilíbrio na poupança doméstica quanto o desequilíbrio externo desempenham um papel significativo na determinação do crescimento econômico dos países, nesse cenário, a política econômica pode ser direcionada para lidar com esses desequilíbrios, a fim de remover alguns dos obstáculos que impedem o crescimento econômico a longo prazo.” (OREIRO, 2015).

Especificamente, a abordagem estruturalista é particularmente apropriada para economias em desenvolvimento, onde esses desequilíbrios se mostram particularmente problemáticos, é importante destacar que o desequilíbrio externo é de maior relevância, uma vez que estamos focando nos efeitos do comércio sobre o crescimento econômico, um ponto importante a ser destacado no modelo de dois desequilíbrios é que ele não leva em consideração o papel dos preços relativos na determinação do desempenho das exportações, nessa abordagem, o desequilíbrio externo é determinado exclusivamente pelo efeito-renda, pois ao considerar um país de pequena dimensão e a aplicação da condição Marshal-Lerner, existe uma extensa literatura que demonstra que o efeito de preço desempenha um papel secundário nas equações de comércio, portanto, segundo essa abordagem, mudanças nos preços não têm um impacto significativo sobre as exportações, por essa razão, essa abordagem parte do pressuposto de que a competitividade é o fator mais relevante, pois as nações que possuem vantagens absolutas em uma ampla gama de produtos frequentemente conseguem alcançar um crescimento mais rápido do que seus concorrentes.

Como Setterfield e Ratnasiri (2010), observou, os déficits comerciais dos Estados Unidos são um exemplo claro da maior relevância da competitividade e da elasticidade da renda em relação aos movimentos nos preços relativos, de fato, evidências empíricas indicam que as mudanças na taxa de câmbio não resultam em ganhos de competitividade industrial e não conduzem a ajustes duradouros na balança comercial.

Todavia para Lama e Fernandez (2012), a literatura pós-keynesiana utiliza o modelo de crescimento liderado pelas exportações de Kaldor como base teórica e empírica para explicar a relação entre comércio, crescimento e restrições de balanço de pagamentos que a partir desse arcabouço teórico, aplicou-o a economias industrializadas e posteriormente o adaptou para economias em desenvolvimento, considerando também os efeitos dos fluxos de capital, e o cerne do modelo de Thirwall reside na capacidade de explicar as diferenças no crescimento de longo prazo entre países por meio de uma abordagem que leva em conta a demanda efetiva. Em suas próprias palavras, "as taxas de crescimento econômico entre países diferem porque o crescimento da demanda é diferente entre países" (Lama e Fernandez, 2012, p. 51), sendo o principal estrangulamento de demanda o balanço de pagamentos, sendo assim, o modelo de Thirwall,

simples em sua formulação, considera que o crescimento econômico de longo prazo depende da relação entre as elasticidades-renda das importações e exportações, presumindo a validade da condição Marshall-Lerner e mantendo constantes os preços relativos dos bens negociados, sendo assim, nesse modelo, o comércio exerce um impacto direto sobre o crescimento, influenciando a demanda por bens finais e, indiretamente, por meio de sua influência sobre o investimento.

Kaldor (1970), elaborou um modelo de crescimento orientado para as exportações, baseado na ideia de causalidade cumulativa, considerando que as exportações constituem o elemento primordial da demanda, no qual o modelo de Kaldor destaca a importância da taxa de crescimento da demanda externa para o crescimento do produto, pois é um aspecto notável dos modelos keynesianos é que a taxa de crescimento autônoma da demanda é o fator determinante do crescimento da produção. O modelo em questão ressalta que políticas de estímulo à demanda têm efeitos cumulativos, pois um aumento na taxa de crescimento do produto resulta em um crescimento mais rápido da produtividade, da mesma forma, um crescimento acelerado da produtividade leva a uma redução na taxa de crescimento dos custos unitários e, conseqüentemente, a um aumento mais rápido das exportações.

Assim aborda Kaldor (1970) sobre:

“Essa característica ajuda a explicar as disparidades de renda entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, uma vez que a causalidade cumulativa mencionada pode funcionar de maneira contrária em situações de restrição de balanço de pagamentos e alta sensibilidade da demanda à renda em relação à sensibilidade das exportações à renda. Isso ocorre nos países subdesenvolvidos, onde as restrições de balanço de pagamentos criam obstáculos ao crescimento econômico.” (KALDOR, 1970).

Certamente, existe um ciclo negativo no qual um menor crescimento do produto leva a uma menor taxa de crescimento da produtividade e, por sua vez, uma menor taxa de crescimento da produtividade resulta em um aumento dos custos unitários, resultando em taxas de crescimento das exportações mais baixas, pois o modelo mencionado acima está intimamente relacionado com o modelo de dois hiatos e também se conecta com o modelo de crescimento econômico com restrição de balanço de pagamentos, que na verdade, esse modelo é uma instância específica de modelos de hiato, uma vez que uma das limitações fundamentais ao crescimento é o hiato externo, que é definido pelas restrições do balanço de pagamentos.

Lama e Fernandez (2012), compreendem que o modelo de Kaldor esclarece o crescimento econômico que é limitado pela restrição do balanço de pagamentos, a partir de uma perspectiva tipicamente centrada no efeito da demanda sobre o crescimento econômico (demand-led). É relevante destacar a discussão em torno das características voltadas para a exportação nos

modelos pós-keynesianos/kaldorianos, pois à primeira vista, o modelo pós-keynesiano de comércio e crescimento pode parecer apenas um modelo direcionado para as exportações, contudo, é importante ressaltar que essa característica precisa ser explicada de forma mais detalhada, a fim de evitar confusões com estratégias neoclássicas de crescimento voltadas para o exterior (outward-oriented), em contraste com estratégias voltadas para o mercado interno (inward-oriented), sendo assim, é fundamental lembrar que as elasticidades-renda das importações desempenham um papel central na abordagem pós-keynesiana.

Com certeza, a simples adoção de uma estratégia de crescimento impulsionado pelas exportações pode, de igual forma, resultar em restrições ao crescimento de longo prazo, caso a elasticidade-renda das importações permaneça constante, pois a explicação para esse cenário é relativamente direta: uma estratégia de crescimento orientada para as exportações não garante necessariamente um padrão estável de crescimento de longo prazo devido ao papel decisivo desempenhado pelas importações, de fato, se a elasticidade-renda das importações for elevada, o crescimento a curto prazo pode ser alcançado à custa de um declínio no saldo da balança comercial, à medida que a renda doméstica aumenta e as importações crescem em uma taxa maior do que o crescimento da renda, e a elasticidades-renda das importações elevadas, portanto, podem impedir que a renda aumente sem gerar constrangimentos na balança de pagamentos.

Para Jayme Jr. (2001), entende que nesse contexto, uma estratégia tipicamente voltada para as exportações pode não ser bem-sucedida e, em vez disso, pode criar um ciclo vicioso, relacionando baixa produtividade com crescimento limitado, pois demonstra que a elasticidade-renda das importações no Brasil, durante o período de 1955 a 1998, permaneceu constante, entretanto, essa característica não invalida a necessidade de uma teoria alternativa que leve em consideração o papel fundamental da elasticidade-renda das importações na mitigação das restrições da balança comercial.

A tradição pós-keynesiana, portanto, destaca o cenário de crescimento impulsionado pelas exportações, levando em consideração, igualmente, a relevância da elasticidade-renda das importações, dessa forma, oferece a oportunidade de estabelecer uma ligação com a tradição estruturalista, pois a inovação em ambas as abordagens (estruturalista e pós-keynesiana) reside em seu foco não apenas no papel das exportações, no contexto de suas características de demanda, mas também na importância de uma base estrutural sólida para evitar a alta vulnerabilidade externa, pois essa vulnerabilidade pode frequentemente levar a obstáculos no caminho do crescimento econômico, manifestados através de déficits na balança de transações correntes e desafios no balanço de capital, resultantes do desequilíbrio, mas o que merece destaque no modelo

de Kaldor da tradição keynesiana é a adoção do princípio clássico keynesiano da demanda efetiva a longo prazo, em termos gerais, o modelo kaldoriano também conclui que o balanço de pagamentos é o principal fator limitante para garantir o crescimento econômico, portanto, abordagens de crescimento liderado por exportações têm a vantagem de aliviar as restrições do balanço de pagamentos, fornecendo as moedas estrangeiras necessárias para financiar importações críticas.

No entanto, como mencionado anteriormente, é crucial considerar o significativo impacto da elasticidade-renda das importações na mitigação das limitações do balanço de pagamentos, diferentemente da perspectiva neoclássica, os modelos nas tradições pós-keynesiana/kaldoriana e estruturalista não apenas realçam a importância da demanda efetiva e do equilíbrio de pagamentos, mas também destacam que as políticas governamentais de gestão da demanda desempenham um papel fundamental no crescimento econômico e ao mesmo tempo, restrições no balanço de pagamentos têm um impacto adverso no crescimento econômico.

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o impacto do comércio exterior no crescimento econômico, considerando abordagens antigas e novas, bem como o papel da política de comércio internacional e a teoria keynesiana a pesquisa envolveu uma análise teórica, revisão de literatura e estudo empírico com base em dados econômicos. Os dados utilizados neste estudo foram obtidos de fontes econômicas confiáveis por meio de artigos conceituados do Scielo Brasil e Google Acadêmico, no qual os principais conjuntos de dados incluíram indicadores econômicos, dados comerciais, informações sobre políticas de comércio internacional e indicadores de crescimento econômico. Uma extensa revisão bibliográfica foi realizada para compreender e sintetizar as teorias, modelos e abordagens relacionadas ao comércio internacional e seu impacto no crescimento econômico, entretanto a análise incluiu modelos antigos e novas abordagens, bem como teorias tradicionais e contemporâneas.

A análise teórica envolveu a busca por teorias e modelos econômicos relacionados ao comércio exterior e crescimento econômico, no qual isso incluiu o exame de modelos de crescimento liderado por exportações, teorias keynesianas do comércio internacional e abordagens estruturalistas, pois o objetivo era compreender os mecanismos subjacentes que conectam o comércio internacional ao crescimento econômico, juntamente com uma avaliação empírica, sob os efeitos da política de comércio internacional no crescimento econômico, por meio das análises das estatísticas apontadas pelos autores.



## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo investigou o impacto do comércio exterior no crescimento econômico, com um foco especial na influência do desenvolvimento econômico. A análise considerou modelos antigos e novas abordagens, bem como o estudo empírico dos efeitos da política de comércio internacional no crescimento econômico. Uma análise abrangente das teorias econômicas tradicionais, representadas por modelos antigos de crescimento liderado por exportações, e novas abordagens, que incluem teorias contemporâneas e análises empíricas, revelou diferenças notáveis. Os modelos antigos, como o modelo de crescimento liderado por exportações de Kaldor, destacam a importância das exportações como impulsionadoras do crescimento econômico. No entanto, esses modelos frequentemente negligenciam as restrições impostas pelos balanços de pagamentos.

Um dos achados mais significativos deste estudo é a importância das políticas de comércio internacional no contexto do crescimento econômico. Modelos antigos frequentemente assumem que a liberalização do comércio é suficiente para impulsionar o crescimento. No entanto, modelos mais recentes e análises empíricas destacam que a eficácia das políticas comerciais está intimamente ligada ao ambiente institucional de cada país. O estudo constatou que o nível de desenvolvimento econômico de um país desempenha um papel fundamental na relação entre comércio exterior e crescimento econômico. Países em diferentes estágios de desenvolvimento podem experimentar impactos diversos das políticas de comércio internacional em seu crescimento.

Em resumo, este estudo destaca a necessidade de uma abordagem holística na análise do impacto do comércio exterior no crescimento econômico. Modelos antigos devem ser complementados por novas abordagens que considerem as instituições, o desenvolvimento econômico e as políticas de comércio internacional. A compreensão dessas interações é essencial para orientar políticas econômicas eficazes e promover o crescimento sustentável. Futuras pesquisas podem se aprofundar nesses aspectos para fornecer dados ainda mais sólidos sobre a relação entre comércio exterior e crescimento econômico.

## 5 CONCLUSÃO

O comércio exterior desempenha um papel incontestável na moldagem das economias globais, influenciando a trajetória do crescimento econômico. Este estudo sobre o Comércio Exterior e o Crescimento Econômico: Uma Análise no Impacto do Desenvolvimento, analisou a interação multifacetada entre as políticas de comércio internacional, os modelos teóricos que as



sustentam, e seu impacto no crescimento econômico.

A evolução dos modelos teóricos demonstrou que, enquanto as abordagens mais antigas tendem a enfatizar a liberalização do comércio como motor do crescimento, abordagens contemporâneas reconhecem a complexidade do cenário, levando em consideração as restrições impostas pelos balanços de pagamentos e a intrínseca relação entre o ambiente institucional dos países e sua capacidade de capitalizar as políticas de comércio, é evidente que o comércio exterior não é uma panaceia universal para o crescimento econômico, sendo que países em diferentes estágios de desenvolvimento têm respostas distintas à integração global, e os benefícios do comércio podem ser mitigados por várias restrições, da mesma forma, a abertura comercial, sem a infraestrutura e instituições apropriadas, pode não render os frutos esperados de crescimento.

Considera-se que enquanto o comércio exterior é uma ferramenta poderosa para impulsionar o crescimento econômico, seu sucesso está intrinsecamente ligado à robustez das instituições nacionais, às políticas governamentais bem calibradas, e à capacidade de um país adaptar-se e responder aos desafios do cenário global em constante mudança. É essencial uma abordagem equilibrada, que combine políticas de comércio aberto com estratégias de desenvolvimento sólidas, para garantir que os benefícios do comércio exterior sejam plenamente realizados.

### **AGRADECIMENTOS**

Os autores expressam sua gratidão em primeiro lugar a Deus, pois queremos expressar nossa profunda gratidão a ele por sua orientação, sabedoria e bênçãos que nos acompanharam durante a conclusão deste trabalho, pois sua presença constante nos guiou e foram fundamentais para alcançarmos nossos objetivos, a ele dedicamos este trabalho, reconhecendo sua graça e soberania em todas as nossas realizações, também agradecemos a instituição de ensino Fatec Zona Leste por oferecer um apoio substancial a este trabalho concluído.



## REFERÊNCIAS

- ANTT. ANTT - Agência Nacional de Transportes Terrestres, 2018. Disponível em: <[http://www.antt.gov.br/salaImprensa/noticias/arquivos/2018/09/BR163MS\\_tem\\_novos\\_valores\\_de\\_p edagio.html](http://www.antt.gov.br/salaImprensa/noticias/arquivos/2018/09/BR163MS_tem_novos_valores_de_p edagio.html)>. Acesso em: 18 setembro 2018.
- BIELSCHOWSKY, Ricardo. Crescimento e Desenvolvimento: O Novo Regime de Desenvolvimentoem Questão. Editora Contraponto, 2009.
- BONELLI, Regis. Comércio Exterior Brasileiro: Teoria e Gestão. Editora Elsevier, 2018.
- CURADO, M. Movimento de capitais e rigidez na balança comercial. Universidade Estadual deCampinas, 2001.
- DAVIDSON, Paul. John Maynard Keynes. Palgrave Macmillan, 2007.
- EDWARDS, S. Trade policy, exchange rates and growth. NBER Working papers n.4511. Cambridge, Massachusetts, 1993.
- FRANKEL, J.; ROMER, D. Does trade causes growth? American Economic Review, v. 89, n. 3, p.379-99, 1999.
- FRENKEL, R. Capital market liberalization and economic performance in Latin America. Working papers series III, n.1. Cepal, New School, 1998.
- HADDAD, Eduardo M.; MARTINS, Pedro S. Trade and Regional Inequality: The Case of Brazil. World Development, p. 25-104, 2012.
- HOLLAND, Márcio. A dinâmica recente do comércio exterior brasileiro: um balanço das mudanças estruturais e de conjuntura. Revista de Economia Contemporânea (Rio de Janeiro), n. 17-45, 2012.
- IRWIN, Douglas A. Free Trade Under Fire. Princeton: Princeton University Press, 1990.
- JAYME JR., F. G. Balance of payments constrained economic growth in Brazil. Texto para Discussão n. 155. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 2001.
- KALDOR, N. The case for regional policies. Scottish Journal of Political Economy, 1970.
- LAMA, Ruy; FERNANDEZ, Camila V. The External Constraint in the Brazilian Economic Growth: A Post-Keynesian Approach. Review of Keynesian Economics, n. 45-75, 2012.
- LAMONICA, Marcos Tostes. A Evolução do Comércio Exterior Brasileiro: Análise dos Anos 2000a 2010. Revista de Economia Contemporânea (Rio de Janeiro), v.1 [volume], n. 104, p. 01-104, 2012.
- MELITZ, Marc. The Impact of Trade on Intra-Industry Reallocations and Aggregate Industry Productivity. Econometrica, 2003.



NASSIF, André. Crescimento Econômico no Brasil: Uma Análise Comparativa (1950-2005). Editora Elsevier, 2007.

NASSIF, André; FEIJÓ, Carmem. Crescimento Econômico, Comércio Exterior e Restrição Externa: Uma Análise para a Economia Brasileira (1995-2008). Revista de Economia Política, São Paulo, p. 205-205, 2010.

NONNENBERG, Marcelo José Braga; NASSIF, André. Comércio Exterior, Crescimento Econômico e Restrição Externa: Análise da Experiência Brasileira Recente (2003-2007). Economia e Sociedade (UNICAMP) São Paulo, 2010.

OREIRO, José Luiz. Crescimento Econômico, Restrição Externa e a Política Industrial no Brasil: Uma Análise Keynesiano-Estruturalista. Economia e Sociedade (UNICAMP), 2015.

RODRIK, Dani. Has Globalization Gone Too Far? Institute for International Economics, 1997.

SETTERFIELD, Mark; RATNASIRI, Shyama. Trade Openness, Exchange Rate Changes, and Growth in Developing Countries. Journal of Post Keynesian Economics, 2010.

SILVA, F. D. Trabalhos científicos. 2. ed. São Paulo: Genérica, v. 1, 2018.

SANTOS, S. D. Congressos científicos e revistas. Anais do I Engetec. São Paulo: Editora da fatec Zona Leste. 2018. p. 150.

TAYLOR, L. Income distribution, inflation, and growth. Cambridge MA: MIT Press, 1991.

TERRA, Fábio Henrique Bittes. Crescimento Econômico Brasileiro e Política Industrial: Uma Análise do Período 2000-2010. Novas Edições Acadêmicas, 2015.

VÁZQUEZ, José Lopes. Comércio Exterior Brasileiro. 11ª edição. Editora Atlas, 2015. 328 p.